LINGUAGEM VIVA
Ano XXXV Nº 425 janeiro de 2025

A poética da ausência

Whisner Fraga

A coletânea de contos *De repente nenhum som,* de Bruno Inácio, publicada pela Sabiá Livros, em 2024, traz o silêncio como protagonista das doze narrativas, apresentadas em pouco mais de cem páginas. O leitor não se engane: trata-se de uma obra densa, de múltiplos contornos, interpretações, em que a ausência de som é um elemento crucial para a caracterização das personagens e para a própria construção das tramas. As ficções carregam um lirismo profundo, que utiliza diversas ferramentas para ilustrar os fluxos de consciência, os discursos fragmentados, bem como diversos estilos de composição.

O silêncio, nestes minicontos de Bruno Inácio, é uma forma de representação ortográfica, ele mostra não a falta de comunicação, mas uma maneira distinta de expressar experiências e compartilhar sentimentos. Por meio de situações corriqueiras, de interações humanas, o livro aborda assuntos como a família, a perda, a finitude, o amor e, acima de tudo, a busca por significados, por algo que justifique ou coloque em xeque a condição humana.

Ao trazer a epígrafe de uma canção de Cazuza, a obra sugere uma pausa, uma ruptura com a agitação cotidiana, um pós-festa que chega em determinado momento da vida, levando as personagens à introspecção e à reflexão sobre a solidão, a incomunicabilidade e a memória. O conto de abertura propõe os espaços entre diálogos como mediadores de um relacionamento entre pai e filho. Essa mediação da mudez exige outros discursos, outros suportes: os corpos se compreendem, se perdoam e se aceitam.

"Urgência de aspas" apresenta ao leitor um diálogo metalinguístico em que Bruno mostra as diferentes formas de se pontuar o próprio diálogo, que está acontecendo. É uma discussão bem-humorada e necessária sobre o próprio ofício da escrita, sobre o impacto da pontuação no ritmo, na urgência e, em última análise, na compreensão da narrativa. Os símbolos são intermediários no processo de entendimento, podendo, como no caso desta ficção, até trazer desconforto ao leitor, conforme são representados.

A metalinguagem, aliás, é um dos recursos muito bem utilizados por Bruno Inácio, como ocorre, também, em "Lacunas", que narra a dificuldade de um escritor, transitando entre o real e o onírico, de lidar com a própria natureza da escrita, com os hiatos inerentes às obras de arte, os recomeços, a incessante busca por uma voz autêntica, que realmente tenha algo a dizer. A volta à realidade acentua uma vergonha do protagonista, o narrador em primeira pessoa, pela incapacidade de exteriorizar coisas úteis, lugares comuns, principalmente diante de situações-limites.

"Seis minutos de análise no novo divã" retrata uma sessão de terapia em que o paciente tenta lidar com a morte de sua terapeuta. O conto se inicia com a resistência da personagem diante da mudança, representada pelo novo consultório. O terapeuta não tem voz, mas sabemos que ele interfere no relato, pontuado pela advertência "(Intervenção)". Sem dúvida, um recurso bastante transgressor.

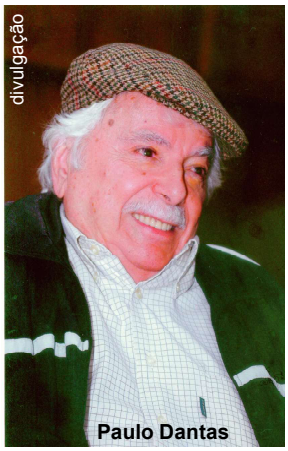
De repente nenhum som nos convida a pensar sobre os ruídos que determinam nossas vidas, sobre as formas de silenciá-los, a necessidade, até, sobre desacelerar, observar os detalhes e resgatar o significado dos pequenos recados. Por isso o miniconto é o suporte ideal para estas histórias, permeadas por uma sensação de ruptura, de resgaste de diversas culpas e pela busca incansável por perdão. A obra destoa do que está em voga na literatura brasileira contemporânea, porque traz temas universais, sem se descuidar da linguagem. O apuro é a marca registrada aqui.

Whisner Fraga - São Paulo (SP) - nasceu em Ituiutaba (MG). É escritor, professor universitário e editor na Sinete. Formado em Engenharia Mecânica, Pedagogia e Marketing Digital. Autor de livros de ficção, tendo contos traduzidos para o inglês, alemão e árabe. Escreve para o coletivo "Crônica do dia" e mantém o canal "Acontece nos livros", no YouTube, em que resenha obras de escritores contemporâneos.

Homenagem a Colaboradores

Rosani Abou Adal

Prestamos homenagem a saudosos escritores que colaboraram e enriqueceram as edições do jornal. Em Janeiro os homenageado são Nildo Carlos Oliveira e Paulo Dantas.



Paulo Dantas

Paulo Dantas

Escritor, ensaísta, crítico literário, romancista, ficcionista, biógrafo e jornalista nasceu no dia 13 de janeiro de 1922, em Simão Dias (SE). Faleceu no dia 11 de junho de 2007 em São Paulo (SP).

Agraciado com os prêmios Coelho Neto e Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, Mário Sete do *Jornal de Letras*, do Pen Clube de São Paulo e do Fernando Chináglia.

Exerceu os cargos de vice-presidente da Academia de Letras de Campos do Jordão, de presidente da Academia Brasileira de Literatura Infanto-Juvenil. Foi membro da Academia Piracicabana de Letras e da União Brasileira de Escritores.

Autor de *Mentalidade Infantil* (Crônicas), *Muralhas Cinzentas...* (novela), *As Águas não dormem* (novela), *Cidade Enferma* (romance), *Chão de Infância* (novela), *Purgatório* (romance), *O Livro de Daniel* (romance), *Capitão Jagunço* (ficção narrativa), *Sertões do Boi Santo - Rapsódia para um filme*, *Tobias Barreto* (biografia), *Aluisio Azevedo* (biografia), *Coelho Neto* (biografia), *Mark Twain, o Alegre Vencedor das Tormentas* (biografia*), Euclides, Opus 66, Quem foi Antonio Conselheiro, Os Sertões de Euclides e Outros Sertões, Estórias e Lendas do Nordeste* (antologia), *Rio em Tempo de Amor* (antologia), *Antologia Euclidiana, Viaduto* (romance), *O Menino Jagunço, O Filho de Mississipi*, *O Lobo do Planalto* (romance), *Presença de Lobato* (ensaio), *Sagarana Emotiva* - Cartas de Guimarães Rosa ao Autor*, Sertão Desaparecido* - Trilogia Nordestina de Novelas*, Sayão: Adeus ao Oeste* (biografia), *Inventação dos Pássaros* (romance juvenil), *Vozes do Tempo de Lobato* (antologia), *De repente o Mar* (novela), *Sertão Boi Santo, Delmiro Gouveia e outros sertões, Joana Imaginária, Lampião, Euclides, um gênio angustiado,* e *Euclides da Cunha e Guimarães Rosa - Através dos Sertões - Os Livros os Autores.*

Desabafo de um escritor mal pago foi o primeiro texto de sua autoria publicado no *Linguagem Viva*, na edição nº 4, Ano I, página 5, dezembro de 1989.

O último artigo publicado no jornal foi *Centenário de Caio Prado Júnior*, na edição nº 210, Ano XVIII, fevereiro de 2007.

Quatro meses após a publicação do seu derradeiro texto, a edição nº 214, junho de 2007, Ano XVIII, abrigou na primeira página o artigo *De repente, Paulo Dantas faz viagem fora de hora*, de autoria do saudoso colaborador Nildo Carlos Oliveira.

Nildo Carlos Oliveira

Nildo Carlos Oliveira

Escritor e jornalista, faleceu no dia 26 de Janeiro de 2017, em São Paulo. Nasceu em 12 de junho de 1939, em Limoeiro de Anadia (AL). Veio para São Paulo em 1964.

Trabalhou no grupo *Folha da Manhã* como repórter, redator e editor e em publicações técnicas nacionais da área de engenharia, arquitetura e urbanismo.

Fez parte da equipe que instalou o escritório da The Associated Press em SP e foi editor e consultor editorial da revista nacional de infraestrutura *O Empreiteiro.*

Participou do 2º Salão do Jornalista Escritor, em 2013, no Memorial da América Latina, com curadoria de Audálio Dantas e organização da Mega Brasil Comunicação, sobre a construção do livro-reportagem como temática central.

Autor de *Isto o jornal não conta* (ficção), *Madalena* (novela), *Com a idade da terra* (contos), *Olho por olho* (romance), *A Construção no Espelho* (Editora Pini) - um conjunto de ensaios e crônicas sobre os subterrâneos da construção brasileira dos anos 70 até o governo Collor e de *O mestre da arte de resolver estruturas - a história do engenheiro Bruno Contarini* (biografia).

O primeiro artigo de sua autoria publicado no *Linguagem Viva* foi *Um Homem dedicado dia e noite à Literatura*, edição nª 179, julho de 2004, sobre Adriano Nogueira.

Seu último trabalho publicado no foi *Obra de Svetlana fica como bom legado na memória da 14ª Flip*, edição nº 324, agosto de 2016.

Rosani Abou Adal - São Paulo (SP) - é membro da Associação Nacional de Escritores e da Academia de Letras de Campos do Jordão. Vice- presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Contato: Whatsapp **(11) 97358-6255 -**
linguagemviva@linguagemviva.com.br
Assinatura anual R$ 160,00 e semestral R$ 80,00
Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impressão: *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555
Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R$ 160,00

Semestral: R$ 80,00

Banco do Brasil: Conta 19081-0 - agência 0719-6 -
Banco Bradesco: agência 0165 - conta 0013923-8
PIX: (11) 97358-6255 - rosani@linguagemviva.com.br
Enviar comprovante e endereço para
linguagemviva@linguagemviva.com.br
Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255

MULHERES EM DESFILE

Enéas Athanázio

A mulher sempre foi fonte de inspiração para poetas e escritores. Certos poetas românticos viam na lua uma mulher e ficavam a dedicar-lhe versos cheios de amor, como faziam também compositores de músicas populares. Ricardo Gonçalves, integrante do grupo de Monteiro Lobato, era um desses poetas apaixonados, o que levou o taubateano a defini-lo como um cão lírico que ladra à lua. Mas a mulher, desde que existe literatura, tem sido retratada nas letras de todas as formas imagináveis e numa variedade de enfoques que parece não ter fim.

Clauder Arcanjo, conhecido escritor cearense, inovou na maneira de ver a mulher e publicou um delicioso livro em que ela é vista nos mais variados papéis. Trata-se de *Mulheres Fantásticas*, publicado em belíssima edição pela Editora Sarau das Letras (Mossoró – 2019). Segundo o autor, o livro nasceu de um desafio que lhe foi formulado e desde então ele se entregou a pensar, observar e interpretar a mulher nas mais variadas posições numa coletânea de crônicas de leitura fascinante. Dentre as figuras focalizadas, exibem-se a mulher galinha, sapo, eterna, ventania, elétrica, abelha, consolação e assim por diante. Em todas as situações a mulher sai por cima, ou seja, a figura feminina é sempre exaltada. Merecem uma referência especial as ilustrações de Raísa Christina, apropriadas e sugestivas.

Dentre tantas que desfilam no livro, a mulher elétrica chamou minha atenção. Depois de longos anos à luz de velas e lamparinas, Licânia, cidade mítica em que se ambientam muitas histórias do autor, conheceu a luz elétrica. Com festa e foguetório foi inaugurado um gerador elétrico a diesel e a luz varreu a escuridão das ruas e das casas. Mas a alegria durou pouco e uma semana depois a máquina pifou. O técnico alemão foi chamado e, mesmo usando de todo seu conhecimento, estudando os manuais e verificando cada engrenagem, não conseguia colocar em ação o genioso aparelho. Até que alguém, em boa hora, se lembrou de Fabrícia de Luzia, uma das belas filhas do lugar e mulher de um tal Chico das Tripas. Linda como era, ela produzia luz onde passava. Foi levada à prefeitura e ao local onde estava o gerador. Foi entrando, linda e poderosa, saudada pelo técnico admirado: "Fraulein! Fraulein!" Sem querer, a moça tropeçou numa alavanca e a geringonça começou a funcionar com perfeição. Desde então, a presença de Fabrícia no local garantia o perfeito funcionamento do gerador e não faltou mais luz em Licânia. Na voz do povo ela passou a ser a mulher elétrica e todos temiam pela sorte do marido, o Chico das Tripas, "que andava com a bateria meio arriada."

A crônica é desenvolvida com perfeição, a linguagem é adequada ao local e à situação. A vida da pequena cidade transparece em cada passo e o leitor sente o ambiente reinante. Tudo escrito com economia de palavras como requer a verdadeira crônica.

Todas as mulheres que desfilam no livro são surpreendentes e encantadoras, às vezes enigmáticas e complexas, mas atraem o leitor de forma irresistível. Vale a pena tentar decifrá-las uma a uma.

Como asseverou Dimas Macedo, "mesmo tratando-se de histórias ficcionais, *Mulheres Fantásticas* também pode ser lido como uma reunião de crônicas e memórias, quanto fragmentos daquilo que se pode fazer com a magia das mulheres e com aura de suas fantasias."

Com este livro, Clauder Arcanjo crava mais um ponto significativo em sua exitosa carreira de escritor criativo e plural.

Enéas Athanázio - Balneário Camboriu (SC) - é escritor, contista, biógrafo, ensaísta, advogado e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

SBI-PUC Campinas faz parte do PLANOR

A Biblioteca de Obras Raras da PUC-Campinas está fazendo parte do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras que é administrado pela Fundação Biblioteca Nacional.

Tem como objetivo identificar, preservar e recuperar obras raras existentes na Biblioteca Nacional, em outras instituições e em acervos bibliográficos do País.

O Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras, criado em 1983, reúne um seleto grupo de instituições com a finalidade de fomentar a gestão qualificada de acervos valiosos e históricos do País. Realiza a emissão de pareceres técnicos, promove eventos e cursos de capacitação profissional para administrar o Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional que reúne dados de obras dos séculos XV ao XIX, de instituições públicas e privadas.

O Sistema de Bibliotecas e Informação da PUC-Campinas, fundado em 1941, incluiu 291 obras, únicas e raras, do acervo da Universidade, ao Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional que é uma ferramenta do PLANOR para a preservação e valorização do patrimônio bibliográfico brasileiro. As obras atendem aos critérios de raridade estabelecidos pelo Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras.

Conforme informações fornecidas pela assessoria de imprensa da PUC-Campinas, o supervisor do SBI-PUC, Sergio Eduardo Silva de Caldas, afirma que "Esse reconhecimento reforça o compromisso da Universidade com a conservação de obras que são parte fundamental da memória e do patrimônio cultural brasileiro. A inclusão das 291 obras no Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional destaca a relevância dessas publicações não apenas para a pesquisa acadêmica, mas também para a sociedade como um todo, garantindo a sua proteção e o acesso para as futuras gerações".

A Biblioteca de Obras Raras do Sistema de Bibliotecas e Informação da PUC-Campinas, que reúne 969 exemplares e 709 títulos e inclui exemplares do século XVII no seu acervo, está localizada na Unidade 2 do Campus I, na Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais.

As obras raras estão disponíveis para consulta, mediante agendamento.

A relação das obras da PUC-Campinas vinculadas ao Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras está disponível em https://www.puc-campinas.edu.br/biblioteca-de-obras-raras-da-puc-campinas-disponibiliza-livros-para-pesquisa-a-populacao/.

EDITORA MANTIQUEIRA
ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

MEMÓRIAS ÍTALO-BRASILEIRAS DA BUSCA AO PASSADO
Autor: Antonio F. Costella - 15,5x23cm 72 págs. R$30,00
Este livro não foi escrito tendo como alvo o público em geral. Nem poderia ser diferente. No entanto, pode atrair também o interesse de alguém que queira saber como pesquisar a história de seus ancestrais que viveram na Itália. É possível, ainda, que este livro venha a ser conveniente para aqueles que queiram compreender alguns fatos econômico-históricos relativos à migração de italianos para o Brasil.

COMUNICAÇÃO - TEXTOS ESPARSOS
Autor: Antonio F. Costella - 14x21cm 208 págs. R$40,00
O livro reúne artigos, ensaios, biografias e discursos de autoria de Antonio F. Costella, publicados em revistas especializadas, sob óptica científica, histórica ou jurídica. Incluem a censura aos jornais no Brasil; emissoras piratas do Mar do Norte, normas pertinentes aos cabos submarinos de transmissão de mensagens; fatos desconhecidos a respeito de Hipólito da Costa, fundador do jornalismo brasileiro; biografias dos jornalistas Carlos Rizzini e Fernando Góes; o Gigolô (jornal de 1920); o preço da cor e etc.

COMO COMPRAR:
(12) 3662 1832 OU editora@editoramantiqueira.com.br

Silas Corrêa Leite: poesia com raízes populares

Em novo livro, o poeta exercita a arte dos limeriques e recupera aforismos e ditados tradicionais.

Adelto Gonçalves

I

Ao contrário do *haikai*, um tipo de poema de origem japonesa, mas muito popularizado no Brasil e exercitado por grandes nomes como Guilherme de Almeida (1890-1969), Paulo Leminski (1944-1989) e Millor Fernandes (1923-2012), o limerique, poema de forma fixa composto por cinco versos, com a primeira, a segunda e a quinta linhas terminando com a mesma rima, ainda é pouco conhecido entre os leitores de língua portuguesa. Trata-se de uma forma poética que, a rigor, não oferece muita poesia, mas que flerta com o humorismo e a irreverência, sendo utilizado para se contar uma piada ou uma *boutade*, de maneira criativa e concisa, ou seja, uma tirada espirituosa. Ou repetir um aforismo, explicitando uma regra ou princípio de alcance moral.

Historicamente, o limerique tem sua origem na literatura inglesa e popularizou-se por lá no século XIX, tendo ganhado adeptos em outras partes do mundo. Supõe-se que tenha sido inspirado na cidade de Limerick, na Irlanda, onde esse estilo de poesia era frequentemente utilizado e foi desenvolvido pelo poeta inglês Edward Lear (1812-1888). No Brasil, entre os seus mais conhecidos cultores estão Sousândrade (1833-1902), Clarice Lispector (1920-1977), Tatiana Belinky (1919-2013) e alguns poetas neoconcretistas.

Depois de exercitar outros gêneros, Silas Corrêa Leite, autor de vasta obra publicada, apresenta agora *Limeriques brasileirinhos* (São Paulo, Editora Calêndula, 2024), que reúne mais de uma centena de "poemetos tropicais" ou "poemas mirins", que não seguem necessariamente as normas fixas dessa modalidade poética e que, por isso mesmo, são chamados de "brasileirinhos", como observa o poeta na introdução que escreveu para o seu livro. Ele lembra que foram "muitos deles trabalhados em salas de aula, para crianças, em processos didático-pedagógicos para alunos, jovens, enfim, disparates poéticos para mentes brilhantes, provocadoras, sonhadoras, criadoras e cheias de contentices e brincadeiras".

II

Um bom exemplo do que se lê acima é o poemeto "*Solidão sem fio*":

Era tão solitária, mas tão solitária, coitada / Que ligava para si mesma no número do celular / Só para ter alguma esperança ao escutar / A mensagem de sua própria voz gravada / E assim pelo menos se sentir acompanhada.

Outro legítimo limerique é este que leva como o título a sua primeira frase:

Era um menino sisudo / Sem eira nem beira, sem lar /Queira ser poeta, ser tudo / Tentando sua vida salvar / Alma de lã, coração de veludo.

Mas, poeta experiente, acostumado a refazer poemetos históricos, recorrer a trocadilhos, a ditos populares, o autor, como se disse, optou por abrasileirar o gênero, criando peças diferenciadas, ou seja, textos curtos e sucintos em que faz uma releitura das peças tradicionais, trabalhando as cantilenas, as invencionices, criando pequenos poemas que são quase *haikais*, trovinhas, quadras, tercetos, sem perder o bom humor tupiniquim.

Entre as quadras, há algumas muito criativas e que repetem comentários que o leitor, com certeza, costuma ouvir no dia a dia. Eis um exemplo:

O médico / Olha para a cara da gente / Como se o doente / Fosse ele.

Segue outro exemplo:

Arrisco saltar / Sem rede de proteção / E o pior risco mesmo assim / É quando eu me caio em mim.

Em poemas mais longos, a criatividade e o lirismo estão igualmente presentes. É o que se vê aqui em "Peter Pan, o poema":

Metade do que sou é criança / A outra metade é adulto / Quem é meio Peter Pan não cansa / De sonhar máscara e vulto / Eu queria ser um super-herói / Mas ser humano é mesmo assim / Ser um simples mortal dói / Onde está o pó de pirimpimpim? / Metade de mim é menino / A outra metade é vã / Eu queria o meu destino / O mesmo de Peter Pan / Eu brincava com a vida / No ápice da minha infância / Imitando um Pinóquio / Escrevendo com elegância / Mas minto que vou levando / Essa triste vida ruim / Quem não sabe, vivo voando / Para um outro Eu de mim / Metade de mim escorro / A outra sonho ser Tarzan / Já que não posso ser Zorro / Eu queria ser Peter Pan.

Ou ainda em "Livro aberto", poema em que se define como artesão do verso:

Sou um eterno aprendiz. / Essa é a minha maior e melhor liberdade. / Sou poeta. / Essa é a minha maior rebeldia. / Estou aqui de passagem, / Essa é a minha melhor poesia.

III

Nascido em Monte Alegre, hoje Telêmaco Borba, no Paraná, Silas Corrêa Leite, além de poeta e romancista, é contista, letrista, professor, bibliotecário, desenhista, jornalista, ensaísta, blogueiro, conselheiro diplomado em Direitos Humanos e membro da União Brasileira de Escritores (UBE). Venceu alguns concursos com seus romances, artigos, poemas e letras de *blues*, como o Concurso de Contos Paulo Leminski (UniOeste-PR), Concurso Lygia Fagundes Telles para Professor Escritor, da Secretaria de Educação do governo do Estado de São Paulo, Prêmio Biblioteca Mário de Andrade de São Paulo (gestão Marilena Chauí, Secretaria de Cultura), Prêmio Instituto Piaget (poesia infantojuvenil) e Prêmio Ficções Simetria (microcontos), os dois últimos em Portugal, entre outros.

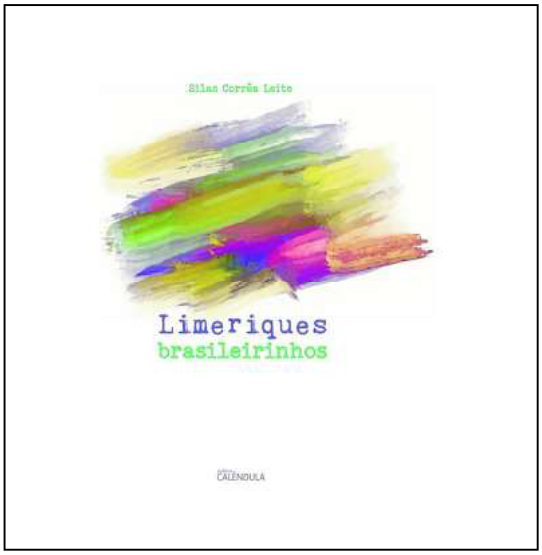
Lançou *Campo de trigo com corvos* (Jaraguá do Sul-SC, Design Editora, 2007); *Gute-Gute, barriga experimental de repertório* (Rio de Janeiro, Editora Autografia, 2015); *Goto, a lenda do reino encantado do barqueiro noturno do rio Itararé* (Florianópolis, Clube de Autores Editora, 2013); *Tibete, de quando você não quiser ser gente* (Rio de Janeiro, Editora Jaguatirica, 2017); *Ele está no meio de nós* (Curitiba, Kotter Editorial, 2018); *O Marceneiro – a última tentativa de Cristo* (Maringá-PR, Editora Viseu, 2019), *O lixeiro e o presidente* (Curitiba, Kotter Editorial, 2019); e *Desjardim –*

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional. Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr



muito além do farol do final do mundo (Belo Horizonte, Editora Caravana, 2023), entre outros.

Nos últimos tempos, lançou *Transpenumbra do Armagedon* (São Paulo, Desconcertos Editora, 2021); *Cavalos selvagens, romance imaginativo* (Curitiba/Taubaté, Kotter Editorial/Letra Selvagem, 2021); *A Coisa: muito além do coração selvagem da vida* (Cotia-SP, Editora Cajuína, 2021); *Lampejos* (Belo Horizonte, Sangre Editorial, 2019); *Leitmotiv: a longa estrada de fogueiras da cor de laranja: diário da paixão secreta de Anne Frank* (Curitiba, Kotter Editorial, 2023), *Vaca profana: microcontos* (Cotia-SP, Editora Cajuína, 2023); e *Alucilâminas* (São Paulo, Editora Cajuína, 2023).

É autor ainda de *Porta-lapsos*, poemas (São Paulo, Editora All-Print, 2005); *O Homem que virou cerveja,* crônicas (São Paulo, Giz Editorial, 2009); *Favela stories*, contos (Cotia-SP, Editora Cajuína, 2022), e *Rua Frida Kahlo*, crônicas (São Paulo, Editora Calêndula, 2024). Seus trabalhos constam de mais de cem antologias, inclusive no exterior, como na *Antologia Multilingue de Letteratura Contemporanea*, de Treton, Itália, e *Christmas Anthology*, de Ohio/EUA.

É autor do primeiro livro interativo da Internet, o *e-book O rinoceronte de Clarice*, que virou tema de dissertação de mestrado na Universidade de Brasília (UnB) e de tese de doutoramento na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e foi recomendado como leitura obrigatória no mestrado de Ciência da Linguagem na Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), de São Paulo-SP. É criador do *Estatuto do Poeta*, traduzido para o inglês, francês, espanhol e russo.

Limeriques brasileirinhos, de Silas Corrêa Leite. São Paulo, Editora Calêndula, 128 páginas, R$ 68,00, 2024.
www.editoracalendula.com.br
editora@editoracalendula.com.br
E-mail do autor:
poesilas@terra.com.br Site do
www.poetasilascorrealeite.com.br

Adelto Gonçalves - Amparo (SP) - é jornalista e doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo, Barcelona Brasileira, Bocage, o Perfil Perdido, Tomás Antônio Gonzaga, Direito e Justiça em Terras d´El-Rei na São Paulo Colonial – 1709-1822, Os Vira-latas da Madrugada* e *O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo - 1788-1797*, entre outras obras.

LENDO *O PEQUENO PRÍNCIPE*

Raquel Naveira

Que encantador *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Éxupery (1900-1944). Um livro que marcou minha juventude como também a de milhares de leitores. Fascinante a história desse Principezinho de cabelos cor de trigo, que vivia sozinho num planeta do tamanho de uma casa que tinha três vulcões, dois ativos e um extinto. Havia uma flor, uma rosa bela e orgulhosa que tirou a serenidade do seu mundo e do seu coração. Isso o levou a fazer uma viagem pelo cosmos em busca de amigos e acabou parando na Terra. A fábula parece simples, mas os personagens são cheios de simbolismos. As reflexões psicológicas são profundas: vida, morte, amor, espiritualidade, sede de conhecimento, aventuras, encontros e desencontros, solidão. Um alerta para que não esqueçamos nunca da criança que fomos e somos.

Em pleno deserto do Saara, um piloto adormecido sobre a areia, o próprio autor, tem uma visão: um pedacinho de gente falante. O Principezinho lhe pedia para desenhar um carneiro e fazia muitas perguntas. Sim, o escritor e ilustrador Saint-Exupéry era, de fato, piloto. Fazia a linha Toulouse-Casablanca-Dacar. Chefiou um posto no sul do Marrocos. Retornou à Europa para voar com as Forças Francesas Livres durante a Segunda Guerra Mundial. Lutou ao lado dos aliados. Sua última tarefa foi recolher informações sobre os movimentos de tropas alemãs. Seu avião foi abatido e seu corpo jamais encontrado. Desaparecido ainda jovem, não testemunhou o sucesso de seu livro.

Depois de andar por rochas e pela neve, o Principezinho descobre uma estrada que o levou a um jardim cheio de rosas. Ele se decepciona: a sua flor lhe dissera que ela era a única de sua espécie em todo o universo e eis que havia cinco mil rosas vermelhas iguaizinhas à dele, num só jardim. Chorou de tristeza. É nesse momento que aparece a Raposa debaixo de uma macieira. O Principezinho confessa que procura amigos. A Raposa explica que, para ter amigos, é preciso "criar laços", "cativar", dedicar tempo ao outro, ter necessidade um do outro, ser importante e especial para quem se cativa.

O conceito de "diversidade" hoje liga-se à multiplicidade de características que tornam as pessoas diferentes umas das outras como etnia, cultura, gênero, religião, idade, raça, deficiência ou habilidades. São questões complexas, mas superficiais, externas, diante das lições do Principezinho de que "só se vê bem com o coração porque o essencial é invisível aos olhos". Somos todos "rosas de um imenso jardim", mas cada rosa/criatura é única, irrepetível, com suas pétalas nervosas, seus olhos voltados para o nada, sua existência intensa e breve. Se alguém ama uma rosa, ela é como um exemplar em milhões e milhões de estrelas. Ficamos felizes quando lembramos que nossa rosa está lá, em algum lugar.

A Raposa prossegue dizendo que é preciso ritos para dar emoção, alegria e significado ao amor, para fazer uma hora distinta de outras. Sugere que o Principezinho vá rever as rosas para compreender que a dele, a que ele regou, ouviu, cuidou é exclusiva. É a sua rosa.

Sábia aquela Raposa. Representa a amizade esperada, contada, ansiada. A que derrama o óleo da vida. A que dá brilho à nossa caminhada, pois é útil, consoladora, estimulante. A que nos ajuda a suportar as angústias. A que influi nas ideias, sentimentos e gostos. Uma amizade dinâmica e consciente. A Raposa é aquele amigo poético, com quem se assiste a um glorioso pôr do sol. Somos todos parte de um conjunto. Temos de viver para nós e para nossos semelhantes. A verdadeira inclusão é evitar divisões, separações, canteiros destroçados, trilhas de incompreensão, sementes de discórdia, pois, afinal, todos sofremos na nossa condição efêmera de humanas rosas.

Lendo *O Pequeno Príncipe,* penso que devemos ser mão para a dor do outro. Tenhamos essa coragem.

Raquel Naveira - Campo Grande (MS) - é escritora, poeta e professora. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Cristã de Letras de São Paulo.

E(U)X

Paulo Condini

Como uma bola de bor racha, sinto-me ga nhando volume. A cada instante me parece que cheguei ao limite de todo o espaço que poderia ocupar e, no entanto, momento a momento sinto-me tomando mais volume, devorando o espaço à minha volta, enchendo-me, tal qual um balão.

Tudo parece ser capaz de me fazer assimilar o espaço circundante. Um som, um cheiro, uma lembrança — principalmente as lembranças. Não sei dos nomes das coisas que me levam a isso. Só sei que me fazem ficar assim. Incho. Estufo-me. Cresço-me no caos. Do nada. Uma pressão de dentro para fora. Um desequilíbrio de fora para dentro. Perco peso. Ganho volume.

Quando tento fazer alguma coisa — porque sinto que é preciso fazer algo —, me dou conta de que não posso mais sair pela porta, nem pela janela. Apenas não posso porque o meu corpo parece ser maior do que cada uma delas.

Então deixo-me inflar mais, perder a forma, até sentir algumas partes de mim encostando nas paredes, no lustre. Empurrando e derrubando mesas e cadeiras. Grudando-me ao chão e ao pó acumulado. Sentindo a pele ficar a cada instante mais delgada, elástica.

Não sinto dor alguma. Somente a desagradável sensação de estar inflando. De ser elástico. Um conteúdo volátil contido pela pele cada vez mais fina.

Todo o espaço é nada para me conter. Vou além. Mais alguns instantes e restará muito pouco espaço entre o meu contorno e os limites do quarto do qual agora tomo conta quase que integralmente. Mesmo os trastes que nele estavam, arrastados pelo meu expandir, encravaram-se em mim, totalmente aderidos, formando reentrâncias e saliências nos tecidos extremamente delgados. Ocupo, finalmente, todo o espaço. Apenas as paredes me circundam. Estou prestes a varar por cada uma das frestas das janelas e da porta de entrada, ou pelo buraco da fechadura.

Nesse momento tomo consciência de que começa a ocorrer como que uma mudança de ritmo no processo de pressão, e descubro que contenho o espaço que antes me contivera. Alguma coisa, cujo nome também não me ocorre, inicia um novo ciclo. Primeiro o tato. Num instante, cada célula da minha periferia começa a sentir o material que a limita, como se cada uma delas tivesse ganhado vida autônoma e, tactilmente, fosse manipulando o material, sentindo o seu calor, depois o seu sabor, o aroma, a conformação de suas fibras — a intimidade de outras células entretecidas —, e, finalmente, escutando cada ruído nascido dos espaços intercelulares alargando-se para dar passagem a algo que também não posso identificar. Tudo isso acontecendo concomitantemente em cada célula do meu corpo.

Surpreendentemente, minha percepção não perde um só detalhe da ocorrência. Consigo absorver todos os movimentos de cada uma das minhas células: todos os seus processos de descoberta; sentir todos os tatos; ouvir todos os sons; provar todos os sabores; ver todos os interstícios de todas as fibras dos vários materiais em contato com o meu corpo; identificá-los um a um; analisá-los; descobrir suas constituições e propriedades...

Então consigo perceber o essencial. Entendo que o ruído de algo, que flui para dentro desses interstícios, nada mais é do que eu próprio invadindo dimensões e espaços intercelulares, intracelulares, até que cada átomo de meu corpo comece a se combinar com os átomos dos corpos outros, inorgânicos ou orgânicos. A partir daí, outro movimento se inicia. Vertiginoso, como se os átomos procurassem novos arranjos. Novas combinações. Sinto que, aos poucos, vou me desfigurando de estruturas vagamente lembradas, e me refazendo agora em novas estruturas. Novos seres. Novos eus. Novas experiências materiais. Apenas uma vaga lembrança do que era. Novas realidades existenciais.

Isso se deu, inicialmente, com cada um dos materiais em contato com meu antigo corpo. Depois, os vários compostos complexos formados, iniciaram um processo semelhante entre eles. Expandindo-se, agora, para dentro. Uns com os outros. Unindo-se. Sentindo-se. Analisando-se. Interpenetrando-se. Recompondo-se. Transformando-se em novas substâncias, já totalmente diferente das anteriores. Massa quase etérea, convergindo para o centro e topo do quarto, em direção ao que anteriormente fora um lustre: onde apenas uma lâmpada pairava pendente, ligada a um soquete convencional, conectada, por um fio comum, ao teto do quarto, agora também já sem identidade.

Ruídos surdos, como que de passos.

Ondas de calor muito tênue, como que de um corpo, aproximando-se.

O que antes fora uma porta, entreabrindo-se, e uma mão acionando o interruptor que também antes fora.

Um frêmito de prazer percorre todo o espaço.

Uma pressão em direção ao centro.

O eu/ambiente comprimindo-se à velocidade da luz, até chegar ao volume antes ocupado pelo bulbo da lâmpada/memória.

Todos os átomos propondo-se a um reagrupar definitivo.

O eu/memória/bulbo, incandescendo, nos tornando luz...

FIM

Paulo Condini - São Paulo (SP) - é editor, romancista, escritor, jornalista, ficcionista, professor de Língua e Literatura Portuguesa, ator e produtor. Autor de *Socorro, Os filhos do rio,* entre outros livros.

Poema para o Ano Novo

Evaldo Balbino

As luzes deste ano se apagam, é o que se diz.
Feliz aquele que vive para além dos calendários!
Mesmo olhando folhinhas e agendas,
folheamos é o desejo que habita em nós.
A voz do que clama no deserto anuncia a vinda,
e tudo é vida sob a grande vida aspergida.
Orvalham sonhos entre as pessoas,
que rogam de mãos atadas aos seus deuses,
e do mesmo modo regam-se nos outros animais
as coisas que brilham e são luz de sonhos mais.
O que nos resume é pura esperança.
O instinto pede mais momentos contra o escuro,
e no duro muro da existência esbarramos todos.
Por que pelejam nossas vontades contra a pedra?
Esperamos que os poros dela nos acolham,
pois o seixo nos ama e cuida de nós,
do nosso sexo denso entre pernas,
da falta de nexo das perguntas que fazemos,
do escuro sedento de corpos vivos e de velas.
A pedra também é Deus.
Sobre ela deitamos a cabeça
e sonhamos com escadas e com anjos:
é pura expectativa o que nos move.
Neste fim de ano se comove
este poema feito de palavras
para a porta que se abre adiante.

Evaldo Balbino - Belo Horizonte (MG) - é professor, mestre em Literatura Brasileira, Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais e presidente da Academia de Letras de São João del-Rei. evaldo_balbino@yahoo.com.br

Livros

O Poeta enquanto coisa, poemas de Artur Gomes, Editora Penalux, Guaratinguetá (SP), 170 páginas. ISBN: 978-65-86139-82-2.

O autor é poeta, ator, videomaker e produtor cultural. Criador do projeto Mostra Visual de Poesia Brasileira e do Fest-Campos de Poesia Falada. Coordenador do Sarau Santa Balbúrdia. Gravou o disco *Poesia Para Desconcertos,* com produção de seu filho Felipe Gomes Buchaul.

Segundo Nuno Rau, arquiteto, professor e poeta, "Artur Gomes performa, em *O poeta enquanto coisa*, a sua dança tribal em que diversos dados da tradição se mesclam em sua interpretação ancorada no hoje, o que sempre implica numa tomada de posição política do poeta, que brindamos aqui com alegria, porque nos traz luz sobre um momento particular de trevas na vida civil."

Editora Penalux: www.editorapenalux.com.br

Poesia Livre 2024, Seleção Poesia Brasileira, antologia poética organizada por Isaac Almeida Ramos, 448 páginas, Vivara Editora Nacional, Cabedelo (PB).

ISBN: 978-65-01-03980-0.

A antologia reúne 250 poemas, com tema livre, escritos em língua portuguesa - que foram selecionados e classificados - e uma pequena biografia dos autores participantes.

Também abriga um caderno de poesia luso-brasileira com alguns poemas de ícones da Literatura.

A obra foi enviada por Alice Gurgel do Amaral que participa com o poema A Guerra e a paz.

Vivara Editora: www.vivaraeditora.com.br

Folhetim, contos de Cesar Augusto de Carvalho, Editora Laranja Original, São Paulo (SP), 238 páginas, R$ 65,00.

ISBN: 978-85-92875-91-6

O autor é professor de Sociologia aposentado pela Universidade Estadual de Londrina. Criou, com o poeta Hamilton Faria, o Canal do Poetariado, programa mensal de entrevistas com poetas levado ao ar pelo YouTube e Facebook. Publicou *Viagem ao Mundo Alternativo*, *Toca Raul*, *Lado B, Folhetim, Proesia, Lavras ao Vento, Curto-circuito,* entre outras importantes obras.

Segundo o jornalista e escritor Paulo Lima, "Em *Folhetim*, um escritor se envolve num episódio de crime cuja trama é pura alusão, revestida de sátira, ao clássico godardiano *Acossado*, neste que é o conto mais claramente cinematográfico do conjunto."

Editora Laranja Original: https://www.laranjaoriginal.com.br/product-page/folhetim-cesar-augusto-de-carvalho

Terreiro de Café

Djanira Pio

O terreiro de café
já não existe.
As árvores
cumpriram o seu tempo.
E os familiares
tiveram o mesmo destino.
Mas os momentos
ficaram inseridos
em meu ser
e fazem parte
de minha história.

Djanira Pio - São Paulo - SP - é escritora, contista, poeta, romancista, professora aposentada e membro da Academia Santarritense de Letras. Tem trabalhos publicados na França, Itália e Portugal. Autora do livro de poemas *Olhares*, entre outros.

DUALISMO

Isabel Furini

a claridade do céu
opõe-se à penumbra

pulam algumas gotas de chuva
em um belo dia de Sol

permanecem corpo e alma
como um grande paradoxo

nada escapa à oposição:
existem o ódio e o amor

e as sombras e a luz das estrelas
no âmago do coração.

Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora e educadora. Autora de *Os Corvos de Van Gogh* (poemas). Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).

O DIA DEPOIS DO NATAL

Benilson Toniolo

Queria poder dizer outra coisa
Que remeta ao Natal
Mas não posso
E lamento informar
Que depois da noite de ontem
Dos abraços
Alguns vivos
Outros nem tanto
Dos presentes freneticamente libertados
De reluzentes embalagens coloridas
De outra ceia e novos brindes,
Em Gaza
As crianças continuam soterradas,
Os bebês, despedaçados,
E a massa humana de carne
Se acumula sobre pilhas de ossos
Pelas esquinas ensanguentadas
E o vermelho tem – podemos dizer –
Uma cor muito mais real
E menos viva,
E os que sobraram,
Quando se contam uns aos outros,
Nem mais se lembram
- Nem podem se lembrar-
Para que serve
Afinal
A palavra Humanidade.

Benilson Toniolo - Campos do Jordão (SP) - é membro da Academia de Letras de Campos do Jordão. Autor do romance *Barra-dos-Meninos*, entre outros.

Notícias

Dalton Trevisan

Dalton Trevisan, contista, novelista, advogado e escritor, faleceu, aos 99 anos, no dia 9 de dezembro de 2024, em Curitiba (PR). Nasceu no dia 14 de junho de 1925 em Curitiba (PR). Autor de *O Vampiro de Curitiba*, *Crimes de Paixão*, *O Maníaco do Olho Verde, O Beijo na nuca, 35 Noites de paixão - contos escolhidos,* entre outras importantes obras. Foi agraciado com o Prêmio Camões, Prêmio Portugal Telecom de Literatura e Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra, entre outros importantes prêmios.

Mariana Marinho lançou, pela Editora Paulinas, o livro *Novidades na mochila – Duda vai à escola,* com ilustrações de Lisie De Lucca, destinado à primeira infância (a partir de 1 ano), pais e educadores.

Insônia, coletânea de contos de Graciliano Ramos, publicada em 1947, foi lançada pela Via Leitura, do Grupo Editorial Edipro, com capa de Andrés Sandoval e texto introdutório da premiada escritora Micheliny Verunschk.

Marília Lovatel, com *Salvaterra – Breve romance de coragem*, foi agraciada com o 20º Prêmio Barco a Vapor, promovido pela Fundação SM, com apoio da SM Educação.

Anderson da Silva Almeida, pesquisador, doutor e mestre em história pela Universidade Federal Fluminense, organizou a obra *Ariano Suassuna no teatro da vida*, publicada pela editora CRV. O livro reúne textos de pesquisadores que destacam movimentos controversos de Suassuna, como sua participação no Conselho Federal de Cultura, após o Golpe de 1964.

Merval Pereira, jornalista e escritor, tomou posse como presidente da Academia Brasileira de Letras, no dia 12 de dezembro de 2024. A diretoria eleita empossada tem como Secretário-Geral Antonio Carlos Secchin, Primeiro Secretário Geraldo Carneiro, Segundo Secretário Antônio Torres e Tesoureiro Paulo Niemeyer.

Ruy Castro, membro da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com o Prêmio IREE de Jornalismo, pelo conjunto da sua obra, pelo Instituto para a Reforma das Relações entre Estado e Empresa.

A Câmara Brasileira do Livro homenageou profissionais do mercado editorial com 25 e 50 anos de trabalhos dedicados ao livro, no jantar de confraternização de final de ano da entidade, realizado em dezembro de 2024. Foram homenageados com 50 anos de trabalho o sócio-fundador do Grupo Editorial Global Luiz Alves Junior e João Ricardo Scortecci de Paula, diretor-presidente do Grupo Scortecci e presidente da Abigraf-SP. Com 25 anos de trabalhos dedicados ao livro foram homenageados o gerente de vendas da Global André Luis Silvestre (Cafu), a Miriam Cortez da Cortez Editora, a gerente comercial da Todavia Cintia Souza Oliveira, a diretora geral da VR Editora S.A. e presidente da Câmara Brasileira do Livro Sevani Matos.

O Centenário de Nascimento de Anna Maria Martins será comemorado no dia 13 de março de 2025, quinta-feira, às 18h30, na Academia Paulista de Letras, Largo do Arouche, 312, em São Paulo. O evento contará com as presenças de Maria Adelaide Amaral, Mariana Ianelli e Ana Luisa Martins. A obra *Anna Maria Martins – Centenário* será distribuída aos presentes.

Francisco Mota Saraiva, escritor português, lançará o romance *Morramos ao menos no porto*, pela Globo Livros, selo Biblioteca Azul, que foi agraciado com o Prêmio Literário José Saramago 2024. Em Portugal, o livro será publicado pela Porto Editora.

José Adalberto Targino Araújo, escritor, poeta, jornalista e Procurador do Estado, tomou posse na Academia Paraibana de Poesia, no dia 18 de dezembro de 2024, para ocupar a Cadeira nº 11 que pertenceu ao acadêmico João Nunes de Castro. Tem como patrono Cônego Mathias Freire. Autor de *Poemas de Três Fases, Poder Judiciário - História, Disfunções e evoluções*, entre outras importantes obras.

A Academia Paulista de Letras elegeu, no dia 5 de dezembro, a nova diretoria para o biênio 2025-2026 que terá como Presidente Antonio Penteado Mendonça, Secretário-geral José Renato Nalini, 1º Secretário Gabriel Chalita, 2ª Secretária Maria Adelaide Amaral, 1º Tesoureiro Synesio Sampaio Goes Filho e 2º Tesoureiro Dom Fernando Antonio Figueiredo.

Micheliny Verunschk, com *Caminhando com os mortos,* e Nuno Júdice, com *Uma colheita de silêncios*, foram agraciados com o Prêmio Oceanos 2024 nas categorias prosa e poesia.

Paulino Alexandre Morais, com o poema "A Lua e a Encantada", participou da *Coletânea Poética do 15º Aniversário do Coletivo Cultural CataVersos*, organizada por Ivan Ferretti Machado, lançada pela Editora Conejo.

O 7° Prêmio Scortecci de Poesia 2025, promovido pelo Grupo Editorial Scortecci, está com inscrições abertas, até o dia 31 de maio, para poemas com tema livre**.** Regulamento está disponível em https://www.scortecci.com.br/materias.php?cd_secao=875&codant=&friurl= -PrAamio-2025-

O Prêmio Todavia de Não Ficção, promovido pela editora Todavia, está com inscrições abertas até o dia 30 de abril, destinado a projetos de biografias de personalidades brasileiras excluídas da chamada história oficial do País. Os interessados deverão enviar sinopse e uma amostra de originais de não ficção/biografia, com no mínimo 160 mil caracteres. A premiação será o contrato de publicação com adiantamento de R$ 15 mil. https://todavialivros.com.br/premio.

Clarice Lispector entrevista, obra lançada pela Editora Rocco, com capa dura, reúne 83 entrevistas que foram publicadas nas revistas *Manchete* (1968-69) e *Fatos & Fotos: Gente* (1976-77), e no livro *De corpo inteiro* (1975) que abrigou entrevistas publicadas na *Manchete* e no *Jornal do Brasil.*

A Fundação Editora UNESP disponibiliza livros digitais, em parceria entre a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP e a Fundação Editora da UNESP, de docentes da UNESP, alunos e egressos dos Programas de Pós-Graduação da área de humanidades. As obras estão disponíveis em pdf.https://editoraunesp.com.br/blog/feu-disponibiliza-20-livros-para-download-gratuito

O Poema De Corpo e Verde - DE CUERPO Y VERDE –, de Rosani Abou Adal, foi traduzido para o espanhol por Carmem Andrea Soek, e publicado na edição de dezembro de 2024 da revista Literarte da Argentina. https://revistaliterartedigital.blogspot.com/2024/12/rosani-abou-adal-brasildiciembre-2024.html

Edgard Telles Ribeiro, embaixador, professor e escritor, foi eleito para ocupar a Cadeira 27 da Academia Brasileira de Letras. A vaga pertenceu ao poeta Antonio Cicero. Autor de treze livros. O romance *Olho de rei* foi agraciado com o Prêmio da Academia Brasileira de Letras para Melhor Obra de Ficção de 2006 e o romance *O punho e a renda* foi laureado com o Prêmio de melhor Romance do Pen Clube em 2011.

A TV Artmult Cultural, em parceria com o *Linguagem Viva*, realizou o Sarau Cultura de Paz, especial de Natal, no dia 21 de dezembro, no Ponto de Memória Cama e Café, Rua Roberto Simonsen, 79, em São Paulo. O evento contou com as participações de Carlos Moura, Cleide Rocha, Cleusa Santo, Fernanda Gaudencio, Maria Goretti Silva, Meme Westhpal, Carlos Mahlungo, Xuxa Mentone e Cida Rezende. Foi coordenado por Nicanor Jacinto e apresentado por Rosani Abou Adal. A direção de vídeo é de Nicanor Jacinto e a edição de Gabriel Pettine. Está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=tDIsT5dgDa8.